



VOZ DA FÁTIMA

Como Maria, portadores da alegria e do amor: Louvai o Senhor, que levanta os fracos

EDITORIAL

Horizontes de esperança

Há um ano, no dia 14 de março de 2020, o Santuário de Fátima teve de fechar as portas das suas celebrações. Era algo nunca visto, mas era apenas o início de um ano dramático e cheio de situações nunca vistas, nunca imaginadas e, sobretudo, nunca desejadas.

Pe. Carlos Cabecinhas

À surpresa da pandemia vieram somar-se as enormes dificuldades provocadas pela situação de confinamento, a estranheza do distanciamento físico, os novos hábitos de higiene e cuidado. Fomos acompanhando com preocupação a evolução da pandemia, primeiro acreditando que tudo se iria resolver em pouco tempo e que esta pandemia, que nos tinha apanhado completamente de surpresa e deixava a nossa vida do avesso, seria superada em pouco tempo; depois, percebendo que não conseguiríamos ultrapassar este flagelo rapidamente, e tomando consciência de que as suas consequências se farão sentir por muito tempo; por fim, entrando no novo ano de 2021 com um pico dramático, que nos obrigou de novo ao confinamento.

Aqui, em Fátima, há um ano, vivíamos, pela primeira vez, uma Quaresma diferente, estranha: confinados e sem possibilidade de participação nas celebrações. Foi assim a Quaresma e foi assim a Páscoa. Hoje, um ano depois, vivemos de novo uma Quaresma estranha, de novo confinados. Pelo meio experimentámos o vazio dos espaços do Santuário e a dolorosa ausência dos peregrinos. Fizemos a experiência inédita e, até então inimaginável, da celebração de 12 e 13 de maio sem presença física de peregrinos e de 12 e 13 de outubro apenas com um pequeno grupo de peregrinos no amplo recinto de oração. Muitos peregrinos sentiram a dor de não poderem vir a Fátima desabafar com Deus os seus dramas, suplicar o auxílio materno de Nossa Senhora. Foram muito poucos os peregrinos que vieram ao Santuário, mas foram muitíssimos os que se sentiram unidos a Fátima de outro modo, que acompanharam as celebrações e que, através dos meios digitais, se fizeram peregrinos.

Este período de um ano foi difícil, mas não foi tempo perdido. Longe disso. O Santuário sentiu a urgência de procurar caminhos de contacto com os seus peregrinos, impossibilitados de nos visitar, e procurou levar a esperança, apesar das incertezas do momento presente. Procuramos, através da mensagem de Fátima, nas celebrações e atividades, fortalecer a confiança de quem nos segue, para enfrentarem as dificuldades do momento presente.

Acreditamos que a mensagem de Fátima nos pode ajudar a enfrentar a crise que temos diante de nós – crise sanitária, económica, social – com ânimo e coragem, pois nos assegura que Deus não nos deixa sós: vem ao encontro dos frágeis. No exemplo dos santos Pastorinhos descobrimos o que significa esperar e confiar em Deus, mas descobrimos também modos de vivermos atentos aos outros, aos que sofrem e precisam de ajuda.

Um ano depois, sabemos que não sairemos desta pandemia iguais, mas creio que podemos sair com a confiança em Deus reforçada, louvando o Senhor, que levanta os frágeis. Vivemos momentos difíceis, mas no coração materno de Maria abrem-se já diante de nós horizontes de esperança.

A mensagem de Fátima como itinerário para a vivência da Quaresma

Santuário de Fátima preparou via-sacra, com as meditações de cada uma das 14 estações, centradas na mensagem de Fátima.

Carmo Rodeia

A mensagem de Fátima, com o seu veemente apelo à conversão, conduz a uma vivência séria e intensa deste tempo quaresmal que, pelo segundo ano consecutivo, é vivido na Cova da Iria sem a participação dos peregrinos, impossibilitados de participarem fisicamente nas celebrações próprias deste tempo.

Mas o convite a dar a Deus o primeiro lugar na vida de cada um, conduzindo-a de acordo com a Sua vontade, o apelo insistente à oração, à caridade e à amabilidade próxima com os demais, marcas essenciais da mensagem de Fátima, continuam a ser uma verdadeira pedagogia para a vivência da Quaresma como tempo de conversão.

Uma das propostas deste Santuário na Quaresma é a celebração da via-sacra, às sextas-feiras, depois da missa das 15h00, e que pode ser seguida em www.fatima.pt.

“A espiritualidade da mensagem de Fátima pede que a via-sacra seja vivida como uma intensa experiência de comunhão com Jesus Cristo na sua paixão contemplada e meditada como sacrifício por amor”, refere o padre Francisco Pereira, capelão do Santuário e presidente da via-sacra que o Santuário disponibiliza semanalmente, neste tempo especial que precede a Páscoa. “É na procura interior de viver cada passo do caminho como oferta de si mesmo a Deus, em ato de reparação e de súplica pela conversão dos pecadores, que se encontra o sentido especial deste exercício de piedade no Santuário de Fátima”, acrescenta lembrando o exemplo

de Jacinta. “Ao ouvir contar a narrativa da paixão e morte de Jesus, a pequena Jacinta compadece-se de Nosso Senhor e esta compaixão faz nascer nela a vontade de conversão: não quer pecar mais para não condenar Jesus ao sofrimento”, lembra o padre Francisco Pereira.

“A regra de vida da Jacinta é uma atitude espiritual que percorre a história toda da espiritualidade cristã: a imitação de Cristo”, esclarece, ao sublinhar que “fazer a via-sacra é um exercício de imitação de Cristo, nos acontecimentos da sua paixão e morte, que desenvolve a capacidade de imitar em todas as circunstâncias da vida, tomando livremente a cruz de cada dia como Ele, servindo e dando a vida. Imitar Jesus é seguir Jesus, com cada um percorrendo o seu caminho,

sempre e em cada dia, com Ele”, mesmo, quando existem dificuldades e obstáculos.

“É o dinamismo próprio da vida do homem. Caímos tantas vezes e por tão diversos motivos: porque se faz noite e tropeçamos; porque o caminho é novo e desconhecido; porque as encostas são íngremes; porque a carga é superior às forças; porque as circunstâncias ou pessoas empurram ou, até, rasteiram. As quedas podem ser de saúde, económicas ou familiares; podem ser anímicas, espirituais ou morais, o pecado, o sofrimento, a solidão...”, refere o padre Francisco Pereira numa das meditações das 14 estações da via-sacra, na qual sublinha a importância do colo materno de Nossa Senhora, na hora da paixão do filho e na hora do sofrimento de cada homem e de cada mulher.

No final da via-sacra, na 14.ª estação, uma vez sepultado Jesus, o mundo vela-se e vela em silêncio magoado; e, na mágica do silêncio, abre-se a espera, ciente de que o túmulo não poderia, nem poderá, ser a última morada.

“Tão grande amor – Jesus deixa-se morrer na Cruz para salvação dos homens – tinha de ser mais forte do que a morte. Lúcia acreditava que o túmulo não era o fim e confiava na eternidade do amor”, afirma o padre Francisco Pereira.

A Quaresma é um tempo de 40 dias, que se iniciou com a celebração das Cinzas, no dia 17 de fevereiro, marcado por apelos ao jejum, à partilha e à penitência, que serve de preparação para a Páscoa, a principal festa do calendário cristão, este ano a 4 de abril.



Francisco Marto Santo

Francisco Marto, cuja iconografia o apresenta de carapuço na cabeça e jaleca curta, com o cajado e o saco do farnel ao pescoço, nasceu a 11 de junho de 1908 e foi batizado a 20 de junho, na Igreja Paroquial de Fátima. Com apenas 8 anos de idade, começou, com a sua irmã Jacinta, a pastorear o rebanho dos seus pais pela zona da Cova da Iria, local onde, juntamente com a prima Lúcia, viria a testemunhar as aparições, durante as quais podia apenas ver, sem ouvir ou falar.

“[...] Francisco viveu a sua vida em recolhimento. Ele contemplava Jesus, tentando consolá-lo pelas ofensas cometidas contra Ele pelos pecadores e imitá-lo neste estilo de oração. O que me impressiona é o silêncio que caracteriza as visões de Francisco. Ele, como profeta, tinha as mesmas visões de Jacinta e de Lúcia, mas não ouvia as palavras do Anjo da Paz nem as de Nossa Senhora, apenas as de Lúcia e mesmo assim aceita em silêncio tudo, em sinal luminoso, parece-me, de humildade. [...] Sabemos que o Espírito Santo distribui os carismas como quer, mas esta diferença não se deve interpretar como discriminação arbitrária, mas como respeito pelo feitio das pessoas e da forma como elas acedem a Deus. Na verdade, Francisco era tímido, reservado, de poucas conversas. Na oração ele preferia a contemplação ou, como ele dizia simplesmente, o pensamento. Ele retirava-se, no silêncio, na pequena igreja ou muitas vezes nos campos, imitando assim a forma de orar de Jesus, doce e humilde de co-

ração; tal como Jesus que ficava calado em algumas situações, também Francisco ficava calado quando os céticos o acusavam de mentir. Tal como Jesus ao ser preso fica calado à frente de Herodes Antipas, Francisco, receoso, mas corajoso, enfrenta as ameaças de morte do administrador de Vila Nova de Ourém, o qual queria descobrir o seu segredo. Vê-se bem como Francisco imita a essência de Jesus, especialmente nos Seus anos de Nazaré, crescendo neste estilo de desprendimento de si próprio, devido a esta maturação das visões; também Francisco, tal como Jacinta, participa na paixão de Jesus com os mesmos sentimentos. Durante os meses de sofrimento, ao subir ao seu Calvário, predito por Nossa Senhora, Francisco comprometeu-se a sofrer por Jesus, ou seja, a consolar a Jesus, que se entristeceu com os pecados de tanta gente. De uma forma heroica, ele também faz orações de entrega, como Jesus na cruz: “ele ofereceu orações e súplicas, com um grito e lágrimas, a Deus que o podia salvar da morte e por causa da sua boa recepção da vontade salvadora de Deus, ele foi ouvido” (Carta aos Hebreus). Esta boa aceitação da vontade de Deus caracteriza a espiritualidade de Francisco. Francisco sofreu, dizem os testemunhos, sem nunca se queixar e morreu escondido, em casa, entre muitos sofrimentos.

Um último detalhe que me impressionou sobre Francisco foi a sua paixão pelo Cristo Eucarístico a quem chamou Jesus Escondido. O seu desejo de contemplar a Jesus na Euc-

ristia e de entrar em comunhão com Ele foi naturalmente crescendo com as visões, especialmente em 1916, quando ainda não tinha feito a sua primeira comunhão. Francisco ficou muito impressionado com o terceiro encontro com o Anjo da Paz que deu Cristo Eucarístico a Lúcia e a ele e à Jacinta o cálice para beber. A partir desse momento, a Eucaristia está bem no centro da espiritualidade de Francisco. [...] O desejo da eucaristia chega ao ponto de não parar de chorar quando o padre o impede de tomar a primeira comunhão, porque o achava distraído na catequese. Na realidade, é muito provável que Francisco contemplasse Jesus mesmo naquele momento, mas podemos ver que o Espírito Santo trabalhou lentamente para configurar Francisco a Jesus. Esta configuração encontrará o seu auge quando Francisco toma a sua primeira e última comunhão, recebida em casa um dia antes da sua morte, ao receber Jesus, mas mais radicalmente, Cristo na Eucaristia assimilou Francisco, ou seja, fez com que ele se assemelhasse a si próprio na morte para a remissão dos pecadores. Eu diria, contudo, que nele esta renúncia por amor tem um sabor mais cristocêntrico do que em Jacinta e em Lúcia, ou seja, ele quer consolar sobretudo Jesus e também Maria, que se entristeceram com as ofensas de tantos homens. Em suma, a mensagem de Francisco para nós hoje é um convite à oração contemplativa, à comunhão com Cristo na Eucaristia, após a confissão, a um estilo de vida vivido em recolhimento [...].”

Francisco e Jacinta Marto

“Santidade significa tornarmo-nos conformes a Jesus Cristo. Sendo assim, não se nasce santo, mas torna-se santo. Seremos semelhantes a Jesus Cristo significa sermos filhos, filhos de Deus. Eu diria que nos tornamos memórias de Jesus, memórias vivas de Jesus, memórias criativas de Jesus, e isto significa simplesmente tornarmo-nos santos; somos todos chamados a tornarmo-nos santos. Deste ponto de vista, eu diria que Jacinta e Francisco, profetas cristãos, se tornaram imitadores de Cristo, Suas memórias vivas e originais e, desta forma, cumpriram a sua missão, que eu chamaria profética.

O Espírito Santo falou à Igreja através deles, à Igreja portuguesa e à Igreja universal.

A sua experiência de fé foi determinada como uma imitação de Cristo, mas não no sentido de uma mera repetição, como se fossem fotocópias de Jesus, mas sim como uma memória original e criativa de modo que, na minha opinião, o conteúdo da mensagem de Fátima é um só com o modo de vida cristão destas duas crianças.”

FRANCO MANZI
Teólogo



Quatro anos depois da sua canonização, o Santuário de Fátima celebrou o Dia dos Pastorinhos, em ambiente digital, o que aconteceu pela primeira vez. A vigília, com veneração aos túmulos dos santos Francisco e Jacinta Marto; o terço, que foram convidados a rezar todos os dias pela salvação da humanidade e pela paz no mundo, e a missa votiva do seu dia, presidida pelo cardeal D. António Marto, foram transmitidos pelos meios de comunicação social e digital, permitindo a “participação” de milhares de pessoas, em vários cantos do mundo. Deste dia 20 de fevereiro fica, igualmente, um documentário sobre o exemplo destes Santos Vizinhos: quem foram, como viveram e que legado deixaram para que os homens se entendam e vivam melhor os dias de hoje, trespassados, igualmente, por diversas formas de sofrimento, mas também de compaixão e de esperança. Uma memória recordada em discurso

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar
8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacaosocial@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

Profetas para uma humanidade ferida



Jacinta Marto, tímida mas serena, teve uma vida curta, ainda mais curta do que a do seu irmão Francisco. Nascida a 11 de março de 1910, em Aljustrel, não chega a atingir os 10 anos de idade, ao falecer em Lisboa, igualmente vítima da pneumónica, em 20 de fevereiro de 1920, longe da família, “mas consolada com a certeza de ir para o Céu” (Irmã Lúcia). Nas Aparições, Jacinta via e ouvia, mas não falava.

“[...] Sob a orientação do mestre interior que é o Espírito Santo, e graças à proximidade do Anjo da Paz e de Nossa Senhora com Jacinta, a menina iniciou cedo uma intensa viagem espiritual. De acordo com as palavras de Lúcia, ela já tinha uma disposição sensível e misericordiosa, mesmo que tivesse um feitio um pouco peculiar. Jacinta era caprichosa e mal-humorada quando as coisas não lhe corriam bem; em suma, pode ver-se que não se nasce santo, mas que se pode tornar santo. Desde as primeiras visões, Jacinta deu um salto qualitativo a um nível espiritual. Este salto foi certamente possibilitado pelo seu carisma profético, o dom da profecia, uma vez que para ela foi possível ver o Anjo e Nossa Senhora, mas também ouvi-los e perceber as suas comunicações, mesmo que não falasse diretamente com eles. A consciência, mesmo sendo a de uma menina de sete ou oito anos como a Jacinta era, a sua consciência de fé, chegou ao ponto de querer imitar Jesus. Jesus, acima de tudo, o servo sofredor. [...] Ao mesmo tempo, pôs-se ao serviço dos homens, sobretudo oferecendo a sua própria vida para a salvação de todos. Sentindo uma ternura afeiçoada por Jesus, Jacinta começou a desejar participar nos Seus sofrimentos em reparação pelos pecados da humanidade. Foi o que ela disse, ouvindo o que o Anjo lhe tinha dito. Acima de tudo, foram os repetidos apelos de Nossa Senhora para fazer penitência pela conversão dos pecadores

Jacinta Marto Santa

que fizeram aumentar cada vez mais a sua preocupação misericordiosa pela sua salvação. A visão do Inferno, no dia 13 de julho de 1917, na qual Jacinta soube da existência eterna por Lúcia, foi a gota de água que fez transbordar o copo da compaixão de Jacinta pelos pecadores. Ainda por cima foi através daquela visão, do segredo contido nessa visão, que se intensifica o suplício dos interrogatórios, suspeitas, acusações e até ameaças para Jacinta, tal como para Francisco e Lúcia. Ela soube como transformar tudo isto em oferendas de amor para Deus, sempre com o mesmo objetivo, a intercessão pelos pecadores. O ponto mais alto deste suplício acontece em agosto do mesmo ano, quando as três crianças foram detidas e ameaçadas de morte pelo administrador de Vila Nova. Mas

além de enfrentar a calúnia e a perseguição em nome de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, e tendo em vista a conversão dos pecadores, Jacinta começou a converter muitas das coisas desagradáveis da sua vida em oferendas de amor, tais como a corda atada à volta das ancas ou bebendo leite, do qual não gostava. Fazia tudo isto para a conversão dos pecadores, mas, de forma muito peculiar, Jacinta tomou partido da paixão, da cruz de Cristo vivenciando a sua própria morte com os mesmos sentimentos de Jesus e determinando assim, da sua própria forma, a mensagem de Fátima. Lendo os testemunhos, especialmente o de Lúcia, vemos que os sofrimentos físicos de Jacinta se parecem, em alguns aspetos, com aqueles de Cristo na cruz. A pleurite purulenta no pulmão esquerdo, razão

pela qual Jacinta foi hospitalizada no hospital de Vila Nova de Ourém, causou-lhe, uma vez regressada a casa, uma ferida no flanco esquerdo. Esta ferida, por onde saía muito pus, faz-nos lembrar a ferida no flanco do Crucifixo, causada por uma lança e foi graças ao Senhor que Jacinta queria manter-se viva, já que em cada dia que Lúcia a ia visitar ao hospital ela lhe pedia para ir visitar a Jesus escondido na Igreja e lhe dizer quanto ela, a Jacinta, o amava. Tal como Nossa Senhora tinha anunciado, a doença agravou-se ao ponto de Jacinta ter de ir para o hospital de Lisboa e, estando longe dos seus pais, ainda por cima doente, estes não a puderam visitar. Na hora da sua morte Jacinta encontra-se sozinha, sem uma enfermeira sequer para a assistir. Sendo assim, Jacinta participa até na paixão mais íntima de Cristo. Esta é, de facto, o tipo de morte que muitos estão a experienciar nesta fase de pandemia. Sozinha, no topo da sua cruz, tal como Jesus o qual gritou: meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? Depois de lhe terem sido removidas, apenas com anestesia local, duas costelas, Jacinta regressa a casa para depois ser novamente hospitalizada em Lisboa. Na sexta-feira, dia 20 de fevereiro, o padre da igreja mais próxima vai ouvi-la em confissão, mas, já que ela parecia estar um pouco melhor, promete-lhe que iria regressar no dia seguinte para lhe dar a Eucaristia, mas naquela mesma noite a criança faleceu, oferecendo a sua dolorosíssima solidão a Jesus e a Nossa Senhora, tal como tinha feito anteriormente, oferecendo até a sede que ela sentia pela doença. Parece-me que acontece sempre assim, quando alguém com fé enfrenta os momentos dramáticos da própria vida com os mesmos sentimentos de Cristo, o Espírito Santo, de forma misteriosa, identifica-se com Jesus Cristo [...].

“A cultura da compaixão é o antídoto à cultura da indiferença de quem desvia o olhar dos irmãos feridos”

Na Missa da Festa Litúrgica dos Santos Francisco e Jacinta Marto, celebrada a 20 de fevereiro, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, o cardeal D. António Marto falou da proximidade, da compaixão e da ternura dos Pastorinhos de Fátima como exemplo para resistir à pandemia e vencer o medo: “Vivemos um tempo de crise a vários níveis: sanitária, económica, social, ecológica, cultural e também de relações humanas, talvez a crise mais grave”, começou por dizer o bispo de Leiria-Fátima, alertando para o facto de que, em momentos assim, “é muito fácil cair no desespero”.

“Os nossos queridos Pastorinhos são estrelas em que resplandecem a proximidade, a compaixão e a ternura, como estilo da relação de Deus connosco, e que devem tornar-se estilo do nosso cuidado recíproco de uns pelos outros”; e, assim, “resistiremos à pandemia e venceremos o medo, a insegurança, a solidão, o desânimo e o sofrimento nos seus aspetos negativos”.

O cardeal português afirmou que “não se pode viver ignorando o outro, porque estamos todos na mesma barca, todos interdependentes”, ao considerar que esta foi a mensagem que Nossa Senhora deixou em Fátima, numa altura em que também o mundo atravessava uma crise pandémica e uma guerra mundial.

“A cultura da compaixão é o antídoto à cultura da indiferença de quem desvia o olhar dos irmãos feridos à beira do caminho”, disse, ao considerar que a Igreja “é chamada a ser, na sua missão, um hospital de campanha que acolhe e cuida dos feridos e ajuda a curar as feridas com o bálsamo da compaixão”.

direto pelo teólogo Franco Manzi, em declarações à Voz da Fátima: “[...] Neste período atroz da humanidade, muitas pessoas confrontaram-se e confrontam-se com uma realidade muito dura de sofrimento físico e psíquico, de confinamento em casa, de dificuldades económicas que vão continuar, de mortes em casa de pessoas isoladas como Francisco, ou hospitalizadas, como Jacinta, no hospital de Lisboa. Mesmo nos momentos mais duros e terríveis do confinamento, muitos têm pedido ajuda e a Deus, intercessão para si próprios, mas muitas vezes para os outros, para os seus entes queridos e para a humanidade. Parece-me interessante não apenas sublinharmos a dúvida que sempre surge face ao número de pessoas exterminadas pela pandemia nestes meses, já que também a nós, cristãos, surge uma pergunta: faz sentido rezar a Deus numa situação de necessidade como esta? Será que Deus vem para nos ajudar? Será que não? Parece-me que os próprios Francisco e Jacinta nos podem ajudar a dar um passo em frente face a esta experiência, porque nos ensinam que os filhos do reino de Deus ousam elevar orações de pedido ao Deus Abba, ao Deus Pai, porque aprenderam com o próprio Jesus a desejar com ele tudo o que é necessário para a nossa salvação e para a salvação dos outros, mas permanecendo do nosso lado, do lado terreno, do lado dos filhos do reino [...]”.

#FÁTIMA

NO SÉCULO XXI

Jorge Wemans

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“A mensagem de Fátima hoje é atualíssima”

“Fátima é uma romaria no sentido em que leva as pessoas a festejarem a vida, a reunirem-se e a perceberem que, juntas, cada uma é mais do que si própria e que juntas são mais do que o seu somatório.”



“A Igreja em Portugal tem recursos para cumprir aquilo que em Fátima a Virgem pediu: trabalhai pela paz”

O provedor do telespetador da RTP, ex-diretor do jornal Público e subdiretor do Expresso, Jorge Wemans é o convidado do podcast #fatimanoseculoXXI. Reflete sobre o papel de Fátima no contexto religioso em Portugal e no mundo, no contexto social e na construção da paz: “a mensagem de Fátima projeta-nos para a frente”; “rezar pela paz é importante, mas é preciso tomar iniciativas de longo alcance porque a urgência da paz hoje é uma prioridade, e Fátima está bem colocada”.

Carmo Rodeia

A paz no mundo não é possível “sem o encontro e a aproximação” de religiões e Fátima tem um papel crucial, “relevantíssimo”, na abertura de novos caminhos para a paz, afirma Jorge Wemans, jornalista e atual provedor do telespetador da RTP, em declarações ao podcast #fatimanoseculoXXI. “Fátima, com a sua marca de santuário da paz, deve procurar isso, com a humildade de quem não tem a certeza de qual será a resposta para esse diálogo (com outras religiões), mas com a convicção de que essa deve ser uma intencionalidade da forma como vivemos hoje a mensagem de Fátima”, afirma o jornalista, sem poupar numa crítica construtiva: “Fátima devia ter hoje um papel de afirmação da procura da paz, muito maior do que aquele que tem. Rezar pela paz é importante, mas é preciso tomar iniciativas de longo alcance porque a urgência da paz hoje é uma prioridade, e Fátima está bem colocada para a promover”, refere ao contextualizar uma posição de alguma centralidade geopolítica do país: “Portugal é um país bem aceite internacionalmente, há muitos portugueses em lugares importantes no mundo, e a mensagem de Fátima hoje é atualíssima”, afirma Jorge Wemans.

“Como católico, e como português, esperava que Fátima tivesse neste campo um papel mais ativo e que me parece ter todo o cabimento”, esclarece. “A mensagem de Fátima projeta-nos para a frente; a Virgem não nos manda esperar por ela e é preciso sonhar alto”, considera.

“A Igreja tem muitos recursos; não terá uma influência infinita, mas, neste momento, a Igreja em Portugal tem recursos para cumprir no século XXI aquilo que em Fátima a Virgem pediu no século XX: trabalhai pela paz”, acrescenta.

“Eu olho para Fátima e vejo o seguinte: há cem anos não existia ali nada; hoje existe um Santuário. Fátima é uma realidade que foi capaz de se construir, de sonhar e de fazer obra, não a do cimento, mas a de uma obra que constitui um marco. Fátima conseguiu criar novidade; de transformar a realidade; de acreditar que é verdade que as pessoas precisam de ser acolhidas”, adianta ainda Jorge Wemans. Por isso, “é isso

que eu espero: que Fátima seja capaz, agora, de criar gestos significativos de paz no mundo. A paz é importantíssima”, frisa. “Fátima não pode parar nem ser pequenina e tem uma enorme responsabilidade diante dos que a ela se acolheram”, daí que o desafio “que deixo é que a tornem um pólo importante da caminhada para a paz”.

“Espero que Fátima nos dê mais e nos convoque cada vez mais”, adianta, lembrando que a paz é hoje o maior desígnio da humanidade.

Mesmo reconhecendo que Fátima integra muitas formas de fé e de expressão dessa fé, Jorge Wemans, professor de Deontologia da Comunicação e cristão empenhado em vários grupos de reflexão, sublinha que existem marcas distintivas deste lugar na história do catolicismo português. A primeira prende-se com a expressão da necessidade de sermos acolhidos por alguém em quem temos confiança. “Parece pouco, mas é muito, primeiro porque exige de nós a capacidade para reconhecermos que precisamos de ser acolhidos”, isto é, “reconhecermos que não somos completos e que precisamos de um colo onde possamos ser acolhidos com tudo o que somos”. A segunda marca “é a peregrinação: sairmos de um lugar, onde estamos confortáveis, para irmos para outro, cuja meta é conhecida, mas sem sabermos exatamente o que vamos encontrar e que caminhos percorreremos”. “Fátima é uma romaria no sentido em que leva as pessoas a festejarem a vida, a reunirem-se e a perceberem que, juntas, cada uma é mais do que si própria e que juntas são mais do que o seu somatório”. Esta dimensão popular e comunitária “é importante em Fátima e é uma forma de a Igreja se dizer”, adianta ainda. E finalmente, Fátima é um apelo à paz. “Desde o seu acontecimento fundador até hoje, o apelo da Virgem à paz é crucial na mensagem de Fátima”, afirma. E, prossegue: “Fátima, altar do mundo, é uma adjetivação muito expressiva e bonita porque expressa o que se passa em Fátima e o que é Fátima”, refere. “Nós cristãos não precisamos de apresentar a Deus sacrifícios; nós apresentamos a nossa vida, é isso que Ele espera de nós, porque a nossa vida é ela sacramento, faz parte

da divinização do mundo. Junto da Virgem que nos acolhe, nós colocamos as nossas dúvidas, os nossos problemas, as nossas frustrações, as nossas súplicas, as pessoais, mas, também, as que vivemos como povo, como nações. É ali que nos apresentamos”, sublinha ao dar como exemplo o Correio de Nossa Senhora. “Deus olha-nos como Pai, por isso, por mais asneiras que façamos, e fazemos muitas, Deus acolhe-nos e ama-nos. É isso que levamos ao altar do mundo, não como sacrifício, mas procurando uma intimidade com o Pai. O altar do mundo reflete a nossa vida pessoal, mas também a vida do mundo, da humanidade, de muitos povos e de muitas culturas, de muitas formas de relacionamento com Deus”, afirma Jorge Wemans.

No podcast, que pode ser ouvido em www.fatima.pt/podcast ou nas plataformas iTunes e Spotify, o jornalista fala da situação de pandemia e do papel da Igreja na luta contra a pobreza e as desigualdades. “As desigualdades estão a aumentar e nós somos muito condescendentes com a desigualdade. A Igreja portuguesa é muito tolerante no que respeita às desigualdades. Tem felizmente uma prática antiga de assistência social, mas não está habituada a refletir sobre o modo como erradicar a pobreza”, alerta deixando um desejo: “aquilo que eu gostaria era que as comunidades se agitassem como alguém próximo e amigo. Deste tempo tão terrível, gostaria que as pessoas pudessem contar com a Igreja como uma comunidade próxima e acolhedora para estes tempos de dificuldades. Teríamos de alguma forma concretizado a mensagem de Fátima para estes tempos difíceis”.

Sobre a nova Encíclica do Papa, Fratelli Tutti, que nos propõe a amizade social como meio de atingir a fraternidade universal, único caminho seguro para a paz, Jorge Wemans lembra que se trata de um texto “notável”, com uma “proposta radical”, que assenta num gesto ao jeito do bom samaritano: “aquele que para, que se ajoelha para curar aquele que é o mais pobre e excluído ou aquele que não o sendo se sente de fora, pouco tido em conta. E são estes que nos devem fazer parar”.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Papa Pio XI



Ainda antes das primeiras posições oficiais da Santa Sé sobre as Aparições da Cova da Iria, já a Cátedra de Pedro assumia atos públicos que a ligavam a Fátima. Na estreita relação que os Papas estabeleceram com Fátima, Pio XI foi o primeiro pontífice a assumir esta ligação.

Diogo Carvalho Alves

Quase um ano antes da publicação da Carta Pastoral através da qual o Bispo de Leiria considerava “dignas de crédito” as Aparições de Nossa Senhora relatadas pelos três Pastorinhos, datada de 13 de outubro de 1930, já o Bispo de Roma rezava com a invocação de uma pagela com a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Aquela que será a primeira referência conhecida de um Sumo Pontífice a Fátima aconteceu a 9 de janeiro de 1929, dia em que o Papa Pio XI, ao receber em audiência os alunos do Pontifício Colégio Português de Roma, terminava o encontro com a invocação “Madre Clementíssima – Salvai Portugal”, recorrendo para tal a uma estampa da Virgem de Fátima, impressa pelo Apostolado da Oração.

No final desse ano, aquele

que foi o sucessor de Pedro entre 1922 e 1939, benzia também a imagem de Nossa Senhora de Fátima que ainda hoje é venerada naquele Colégio, e que fora esculpida pelo santeiro José Ferreira Thedim, o mesmo autor da escultura da Mãe de Deus que é venerada há mais de um século na Capelinha das Aparições, na Cova da Iria.

Um ano depois, a 13 de novembro de 1930, a capa deste mesmo jornal anunciava que Pio XI concedera, um mês antes, por intermédio da Congregação da Penitenciaría, indulgências aos peregrinos do Santuário de Nossa Senhora da Fátima. Sob a foto do Sumo Pontífice, eram anunciadas as condições: “indulgência de sete anos e sete quarentenas a todo o fiel cristão - constricto das suas faltas -

todas as vezes que visitar o Santuário e aí orar por intenções do S. Pontífice; e indulgência plenária - sob as condições ordinárias - uma vez por mês - aos peregrinos em grupo no mesmo Santuário”.

Já depois da sua morte, a 31 de outubro de 1942, o Papa Pio XII viria ainda a lembrar, numa radiomensagem aos fiéis portugueses, por ocasião da consagração da Igreja e do género humano ao Coração imaculado de Maria (que foi o primeiro ato oficial público do Vaticano sobre Fátima), as palavras que o seu predecessor escrevera aos bispos portugueses, na Carta Apostólica *Ex officiosis litteris*, onde atestava “os extraordinários benefícios com que a Virgem Mãe de Deus acabava de favorecer” Portugal.

A PEÇA DO MÊS

Autor desconhecido, 1997 (anterior)
Cruz, medalha e contas de matéria polimérica engranzados em cadeia de liga metálica
57,2 cm (comprimento); 4,8 × 3,4 × 0,4 cm (crucifixo)

Terço de Santa Teresa de Calcutá



O Museu do Santuário de Fátima custodia um terço que pertencera a Santa Teresa de Calcutá (1910-1997), oferecido pela própria no dia 5 de fevereiro de 1997, em retribuição pelo terço que lhe fora ofertado pelo Padre Francisco Jorge, então pároco de Casal dos Bernardos e de Ribeira do Fárrio, na passagem por Calcutá, numa viagem de peregrinação à Índia, pela celebração do 3.º Centenário do martírio de S. João de Brito (1647-1693). No dia 15 de novembro de 2005, por ocasião do Retiro para o Clero de Portugal, em Fátima, o presbítero ofereceu o terço ao Santuário da Cova da Iria, através do Diretor do Serviço de Estudos e Difusão, Padre Luciano Cristino.

O terço, composto por contas, medalha e crucifixo de material polimérico branco, elementos engranzados em cadeia de liga metálica, constitui uma peça de humilde valia material, ainda que se revista de especial valor espiritual por ter pertencido a uma santa da Igreja que visitou o Santuário de Fátima em 1 de outubro de 1982 e 23 de setembro de 1987. A medalha, de formato losangular, de cantos cortados, mostra, no anverso, a imagem relevada de Nossa Senhora das Graças, enquanto a cruz releva a imagem de Cristo crucificado.

O terço incorpora o espólio do Museu do Santuário de Fátima, tendo integrado a exposição temporária “*Terra e Céu: peregrinos e santos de Fátima*”, entre 28 de novembro de 2015 e 31 de outubro de 2016.

A água de Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Elemento integrante do imaginário de Fátima é a água que os peregrinos levam do Santuário da Cova da Iria, não porque este elemento se encontre umbilicalmente ligado à narrativa das aparições, mas por, desde muito cedo, a prática dos peregrinos deste lugar passar por recolher a água do fontenário que ali se erigiu, a partir da nascente descoberta quando da abertura de uma cisterna em vista a recolher água das chuvas para auxílio das obras do santuário. O facto de os terrenos pedregosos da Serra de Aire serem muito áridos

e de estes trabalhos coincidirem com os dias que antecederam a celebração da primeira missa levou a que o achado tivesse sido considerado milagroso e, bem, assim se apelidasse a água de milagrosa.

Existem relatos de que aquela água, por vezes juntamente com a terra de Fátima, fora usada nos momentos de oração para a obtenção de curas. E existem ainda documentos da prática do uso da água, não apenas para ingestão, mas também para lavagens de partes do corpo com o intuito de sanar maleitas.

Estas práticas, muito criticadas pelos jornais anticlericais da década de 20 de Novecentos, foram caindo em desuso, mas não a de levar água de Fátima, ainda hoje percecionável entre os gestos dos peregrinos que se abeiram do monumento ao Sagrado Coração de Jesus que esteticamente remata a fonte-rotunda desenhada por Gerardus van Krieken como centro geométrico do Santuário de Fátima e que se faz imagem da água viva que o coração de Cristo é para os crentes que no seu coração se dessedentam.

FÁTIMA AO PORMENOR





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

«Porque está Nosso Senhor assim pregado numa cruz?» – perguntou um dia a Jacinta de Fátima à sua prima Lúcia. Porquê? Porque está Deus numa cruz? Que diferença faz o Cristo crucificado? Que diferença faz o Deus-feito-criança que não encontra lugar para nascer, o Deus-refugiado que deve ser protegido pelos pais e levado da sua terra para que não morra, o Deus-que-chora com o sofrimento alheio, o Deus-que-sofre porque ama e ama ao ponto de se oferecer em sacrifício, o Deus-que-morre na cruz – este Cristo frágil e sofrido que diferença faz? Que diferença me faz o crucificado?

A pergunta supõe já que há um Cristo que não faz grande diferença: um Cristo que é apenas um esquema que se dilui numa fórmula matemática, um Cris-

Porque está Deus numa cruz?

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

Não há abstenção diante do Deus crucificado.

to-que-resolve tudo porque é resposta intelectualizada para as minhas formulações e equações, um Cristo-preceito que é garantia de uma qualquer moralidade, um Cristo-ideia que é, no fundo, apenas resposta a um desejo meu e que, por isso, eu controlo e disponho à minha vontade, um Cristo-politizado que se impõe pela força de argumentos e pela manipulação das vontades.

Porque está Deus numa cruz? É a pergunta que se impõe se quero levar a sério o Crucificado. Talvez por isso me desarme a resposta da Lúcia: «Porque morreu por nós». Se a cruz tem algo a dizer sobre Deus é este «por nós». Nem sempre me lembro que o evangelho não foi escrito primeiramente para contar a vida de Jesus, mas para situar a nossa vida diante da vida de Jesus. Não se pode conhecer Jesus sem aprender dele a ser seu discípulo. Não há abstenção diante do Deus crucificado. E ser discípulo de um crucificado significa

aparecer diante do mundo com a fragilidade ferida de quem sabe de um amor que cuida sem se impor e que salva de toda a ditadura da vontade própria.

Este Deus crucificado experimentou a morte. O seu corpo morto recebeu o tratamento adequado para a sepultura. Ele foi depositado num túmulo, fechado depois com uma grande pedra. E agora? O que fazemos agora nós que acreditamos neste Cristo que ali está morto, fechado no escuro, silencioso? Incomoda-me este silêncio que tem o sabor a derrota. E incomoda-me que aqueles discípulos se tenham deixado tomar pelo vazio e se preparem para retomar as suas vidas no ponto em que as tinham deixado antes de conhecer Jesus. Incomoda-me que o mundo todo não pare de escândalo e dor. Que diferença fez o crucificado?

Faz-se silêncio. O Deus frágil assume a morte em silêncio. Na cruz e no túmulo.

É mais fácil acreditar num Deus forte e poderoso, que se manifesta no barulho do vendaval, no abalo do terramoto ou na força voraz do fogo. Quantas vezes desejo um Deus que não deixe dúvida alguma sobre o que possa significar ser Deus. Quantas vezes me perturba este Deus que me pede que oiça o som do silêncio absoluto. Perturba-me porque me desinstala. Porque escutar o silêncio significa dispor-me à relação com um Deus que não está ao serviço do que eu quero que ele seja. Significa aceitar que a diferença que faz o crucificado é a do frágil silêncio do amor abnegado. Aceitá-lo é saber-se desafiado a uma vida que se torne também breve e frágil silêncio que ensina que a salvação não é um ideal falhado. Que Deus recusa salvar-nos pela violência. Recusa forçar-se à nossa liberdade. Recusa desrespeitar a nossa frágil condição. Recusa ser vendaval e terramoto e fogo, para que a vida dê fruto.



OPINIÃO

Maria João Ataíde

Este mês de março é todo de tempo quaresmal, terminando com a Semana Santa, e na sua mensagem para esta época o Papa Francisco recomenda-nos que se intensifique a relação com Deus, através da oração, e com o nosso próximo, através de Deus. O Santo Padre escolheu ainda março para lançar um ano dedicado à família, que começa no dia de São José, a 19, em que se celebra o dia do Pai.

E porquê? É o convite para relermos a exortação *Amore Laetitia* e a preparação do Encontro Mundial das Famílias que se vai realizar em Roma, em junho de 2022. E já que falamos na família, acrescento outra recomendação, agora do Cardeal Tolentino Mendonça:

Vamos juntos

“Estes tempos difíceis têm revelado a generosidade dos jovens.”

“... que sob o olhar materno de Maria e sob a proteção paterna de São José, aceitemos reaprender os gestos essenciais da vida (25/01/2021)”, lembrando o exemplo da Sagrada Família de Nazaré. Entretanto, o Papa Francisco também indicou já o tema para as Jornadas Mundiais da Juventude (Lisboa, agosto de 2023): *Maria levantou-se e partiu apressadamente*.

Falando em juventude, estes tempos difíceis têm revelado a generosidade dos mais novos e dos jovens adultos. A Rádio Renascença deu a conhecer um Projeto, o COMVIDAS, criado no primeiro tempo de confinamento (março de 2020), ao publicar há umas semanas na rubrica *Postal de Quarentena* o testemunho de uma estudante de 25 anos que participa nesta iniciativa desde o seu arranque: “Fecharam as Escolas e eu, em casa descansada a ver filmes e séries, pus-me à procura de projetos que cidadãos pudes-

sem estar a fazer na luta contra a pandemia...”. Foi assim que fez parte do COMVIDAS desde a primeira hora, na missão de apoio a um lar para idosos situado numa vila nortenha. O Projeto já ajudou 31 Instituições onde realizou mais de 30 missões, envolvendo cerca de 1 350 idosos, graças ao esforço de 305 voluntários. E o testemunho continua: “velhinhos assustados e ansiosos, em lares onde o Natal estava ausente, e onde levámos música, carinho e presentes. O povo português é um povo caloroso de pessoas boas, empáticas e altruístas”. Cada missão realizada pelos voluntários implica mais 2 semanas de quarentena para evitar contágios no regresso a casa.

Apesar da sua generosidade, os jovens, mesmo aqueles com formação superior, encontram sobretudo trabalho precário e poucas possibilidades de acederem a habitação própria, problemas que a pandemia, ao afe-



FOTO: © Soulful Pizza

Pedagoga
A autora escreve segundo a antiga ortografia

tar profundamente a economia, torna marcantes.

No caso dos jovens que vivem no limiar da pobreza e dos que são portadores de deficiência, estas dificuldades agravam-se, como seria de esperar, e a modalidade do ensino à distância é, para muitos deles, uma barreira acrescida. Muitas empresas deixaram de contratar jovens cidadãos portadores de deficiência, visto que os incentivos para tal não se comparam com as perdas sofridas devido à má situação económica. Acabam por ficar isolados em casa, pois as escolas onde estavam integrados fecharam e os centros de convívio que muitos frequentavam também encerraram.

Mas não podemos deixar de sonhar. Antes fazemos um apelo para que neste tempo de Quaresma o nosso jejum, a penitência e a oração, tão importantes, não sejam um sinal de tristeza, mas antes ocasião de esperança na Páscoa que se anuncia.

Esta é a hora “de combatermos a indiferença e de estarmos junto à cruz daqueles que sofrem”

Padre Carlos Cabecinhas presidiu à Missa Votiva de Nossa Senhora de Fátima, na peregrinação mensal de fevereiro, onde se fez memória do falecimento da Irmã Lúcia de Jesus.

Carmo Rodeia



O reitor do Santuário de Fátima desafiou, no passado dia 13 de fevereiro, os mais de seis mil peregrinos virtuais que seguiram a transmissão da Missa Votiva de Nossa Senhora de Fátima, a partir da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a aprender com Maria a “consolar” e a acompanhar quem sofre, sobretudo, neste tempo de pandemia: “É nestas horas que é mais importante comba-

termos a indiferença; estarmos junto à cruz de quem sofre para consolarmos, para aliviarmos o sofrimento”, esclareceu o reitor do Santuário de Fátima ao lembrar o exemplo dos Pastorinhos que, na Escola de Maria, aprenderam a ser sempre próximos dos que os rodeavam, mesmo nos momentos mais difíceis de incompreensão, de doença e de solidão, no caso de Santa Jacinta, “foi a promessa da Senhora

mais brilhante que o sol que os animou”.

Durante a homilia, o padre Carlos Cabecinhas lembrou ainda a Irmã Lúcia, como exemplo de quem soube confiar sempre no coração materno de Nossa Senhora.

A vidente de Fátima morreu há 16 anos e o seu corpo encontra-se sepultado na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Irmã Lúcia de Jesus morreu há 16 anos e caminha para a beatificação

Lúcia Rosa dos Santos, mais tarde Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, faleceu a 13 de fevereiro de 2005, aos 97 anos de idade, depois de várias décadas vividas em clausura no Carmelo de Coimbra.

“Para que Fátima crescesse há um sacrifício pessoal na vida de Lúcia, que foi profundíssimo. Foi alguém que abdicou de tudo, até da sua própria identidade”, sublinhou Helena Matos, jornalista, investigadora e autora da série documental da RTP Fátima: Povo que reza, no podcast #Fatima no Século XXI, ao lembrar o que foi exigido à jovem vidente quando entrou no convento, desde o pedido para não falar de Fátima até à impossibilidade de obter o diploma da quarta classe, porque o seu nome não poderia aparecer na pauta do exame.

“Deve ter sido algo brutal. Só uma pessoa com uma enorme capacidade de despojamento pode ter sido capaz de um feito destes, de assimilar isto tudo”, refere Helena Matos que não poupa elogios à personalidade da vidente, cujo processo de beatificação decorre em Roma.

“Nós costumamos valorizar muito ativistas, sobretudo quando são mulheres, mas diante de Lúcia temos de perceber que ela tem algo de muito mais especial: tem uma força, uma determinação e um carisma inigualáveis”, apesar de ter sido depreciada pela imprensa da altura, e até pela própria família, sobretudo a mãe, com quem mantinha uma relação tensa, como destaca Helena Matos que frisa a importância da verdade e da mentira na história de que é tecida a vida da religiosa carmelita.

Santuário evoca aparições angélicas a 21 de março

“Hoje, verificamos que há muita gente que comunga, mas não faz comunhão com Jesus nem com os irmãos, e o Anjo chama a atenção para este dom, coração da nossa vida espiritual”

Cátia Filipe

Na primavera de 1916, um anjo, que se apresentou como “Anjo da Paz”, apareceu na Loca do Cabeço a Lúcia, a Francisco e a Jacinta. Segundo a descrição da Irmã Lúcia, “parecia um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco do que se fosse de neve, que o sol tornava transparente como se fosse de cristal e duma grande beleza”.

“Nós não sabemos o objetivo destas aparições e o projeto que Deus tinha no contexto da mensagem de Fátima, mas sabemos que o Anjo é enviado por Deus, e o que diz é mandatado e o que faz é realmente como que uma ordem de Deus”, considera o padre Manuel Antunes, capelão do Santuário de Fátima e assistente nacional do Movimento da Mensagem de Fátima, em declarações reproduzidas pela Voz da Fátima a partir do vídeo da série de vídeos que apresenta a exposição Rostos de Fátima..

Com base no núcleo que fala deste momento-chave da men-



sagem de Fátima, o padre Manuel Antunes recorda que estas aparições foram durante algum tempo “desconhecidas, porque a Lúcia julgava que estas aparições eram para eles, de uma forma pessoal”. De facto, “estas aparições marcaram os Pastorinhos para toda a sua vida e evidentemente que eles não dei-

xaram de cumprir o seu dever, falo da guarda das ovelhas, mas deram um sentido muito espiritual à vida após as aparições do Anjo”.

Estas aparições assentam em três bases, “na primeira aparição o Anjo leva as crianças à adoração, na segunda leva as crianças à penitência e na ter-

ceira à contemplação, e foi nestes três alicerces que os Pastorinhos cresceram na sua vida espiritual”.

A primeira aparição, na primavera de 1916, “vem lembrar que Deus existe, que é Pai e Amigo, mas é Deus e tem lugar primordial na vida de cada pessoa”.

No verão de 1916, teve lugar a segunda aparição e o Anjo “convida os Pastorinhos à penitência”. “É neste momento que se identifica como Anjo de Portugal e pede oração e sacrifícios. Há uma chamada de atenção para a verdadeira penitência, que consiste no cumprimento do nosso dever, e esta é a verdadeira penitência de Fátima. Mas os Pastorinhos foram muito além, tanto que, na quinta aparição de Nossa Senhora, receberam um recadinho muito importante, que dava nota de que Deus estava muito contente com os sacrifícios”, explica o sacerdote.

Na terceira aparição, no outo-

no de 1916, o Anjo fala da eucaristia, “enquanto celebração, enquanto comunhão, enquanto presença nos sacrários, mas é uma presença maltratada e mal aproveitada, tanto que o Anjo fala dos pecados cometidos contra a eucaristia e pede insistentemente reparação destes pecados”.

“Nos dias de hoje, verificamos que há muita gente que comunga, mas não faz comunhão com Jesus nem com os irmãos, e o Anjo chama atenção para este dom, coração da Igreja e o coração da nossa vida espiritual”, alerta o padre Manuel Antunes.

Neste tempo de pandemia, que convoca toda a humanidade a refletir sobre a sua própria condição, a exposição “Rostos de Fátima: fisionomias de uma paisagem espiritual” mostra a sua atualidade na reflexão que apresenta sobre o tema da morte e da vida, como momentos luminosos da peregrinação do Homem no mundo.



MOVIMENTO DA MENSAGEM DE FÁTIMA

www **mmfatima.pt**
 @ **secretariadonacional@mmfatima.pt**
 f **www.facebook.com/mmfatima.pt**

Rua Santa Isabel, 360
 Cova da Iria
 2495-424 FÁTIMA
 Telf. 249 539 679

Não basta comungar, é necessário fazer comunhão

Pe. Manuel Antunes

Disse Jesus em Cafarnaum: “Quem Me recebe fica em Mim e Eu nele. Quem Me recebe vai viver por Mim” (Jo 6, 57).

O ditado popular diz: “Amor com amor se paga”. Jesus, ao instituir a Eucaristia, no seu conhecimento infinito, sabia os maus tratos que iria suportar neste sacramento. O Anjo da Paz, em Fátima, na terceira aparição, resumiu estes maus tratos nos três pecados: indiferença, sacrilégio e ultraje. O Seu Amor por cada um de nós, supera as ofensas que Lhe fazemos. Este Amor convida-nos a erguer os nossos corações para Ele e a dizer-Lhe: Obrigado, Jesus! O melhor agradecimento é fazer comunhão de vida com Ele. Não basta comungar a Hóstia Consagrada, mas fazer da nossa vida uma comunhão com Ele. Por isso, disse em Cafarnaum: “Quem Me recebe vai viver por Mim!”

O Senhor Cardeal D. António Marto, na sua Carta Apostólica,

fala-nos desta comunhão ao dizer: “A Eucaristia é uma comunhão com Cristo”.

Como fazer esta comunhão?

O bom aluno quando quer tirar um curso procura ser assíduo às aulas e ouvir com atenção o professor. Depois, começa a treinar-se no que vê e ouve. Quando termina o curso, sente-se feliz e grato ao seu professor. Jesus é o melhor dos professores. Ele disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6) e “Quem Me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12).

Estamos na Quaresma, tempo de reflexão e de oração

Que caminho estou a seguir? O de Jesus ou o do mundo pagão?

– Jesus nasceu pobre, viveu pobre e morreu pobre.

– Aos discípulos que discutiam qual deles era o maior, respondeu com uma criança que colocou no meio deles: “Quem não for humilde como esta criança não entrará no Reino dos Céus” (Mt 18, 3). Procuo ser humilde na minha vida?

– No Seu apostolado, usava este método: Antes de ensinar, fazia o que ia ensinar e antes de fazer, rezava. Foi o mesmo método que o Anjo da Paz ensinou aos Pastorinhos. Eu faço o mesmo?

– A Sua preocupação eram os mais frágeis física, moral e espiritualmente. Foi tentado pelo demónio no deserto, mas repeliu-o com prontidão e firmeza. Que faço eu quando sou tentado para o mal?

Termino como comecei: Não basta comungar Jesus na Hóstia Consagrada. É necessário viver em comunhão com Ele. Para tanto, sejamos bons alunos, pois Ele é um bom professor, não com a cana na mão, mas com Amor no coração.

Amigos coletores do jornal A Voz da Fátima:



O Movimento da Mensagem de Fátima foi instituído pelos bispos portugueses com o objetivo de viver e difundir a Mensagem. Há várias formas de dar a conhecer a mensagem de Fátima: uma delas é o jornal *A Voz da Fátima*.

Sabemos que a vossa missão é penosa, mas é muito importante para o conhecimento da Mensagem. Como estamos em contexto de pandemia, a distribuição torna-se mais difícil, mas, por favor, não devolvam os jornais, guardem-nos até passar a pandemia. Se porventura já não puderem distribuí-los, façam o favor de o comunicar ao vosso Secretariado Diocesano e, na falta deste, ao Secretariado Nacional. Nalgumas paróquias é uma criança de 11 a 12 anos de idade que os distribui, o que ela faz com muito gosto. Repito, por favor, não devolvam os jornais, sem falar primeiro com o vosso Secretariado Diocesano. Esperamos que depois desta pandemia tudo volte ao normal.

Muito agradecemos o belo apostolado que fazeis. A bíblia diz: “Abençoado os pés dos mensageiros que anunciam a Boa Nova”.

A mensagem de Fátima é o recordar o Evangelho através do coração de uma Mãe que muito nos ama: o coração Imaculado de Nossa Senhora. Ela dar-nos-á uma boa recompensa.

Pe. Manuel Antunes

A Senhora da Caridade

Pe. Dário Pedrosa

A Quaresma é convite à conversão, sobretudo, conversão à caridade, pois a caminhada quaresmal é sempre um desafio a amar. A Senhora da Caridade vai ser o nosso modelo e o nosso auxílio, o nosso amparo e a nossa Mestra. A santidade é o amor, pois é em nós a vida de Deus, e Deus é Amor. Ser santo é amar, amar sempre, amar melhor, amar mais. É traduzir o amor, multiplicá-lo em muitas obras e facetas, pois o amor está mais em obras do que em palavras. Cada ato de amor é verdadeira ressurreição, pois ao amarmos passamos da morte à vida. E S. João interpela-nos e admoesta-nos, dizendo: “Quem diz que ama a Deus e não ama o próximo é mentiroso”. Repleta de Deus, da vida de Deus, em união de vida e de amor com a Trindade Santa, Nossa Senhora viveu a caridade mais plena e mais bela na vida da humanidade. Nenhuma criatura amou

como Ela, pois amou a Deus e amou o próximo com toda a sua alma e o seu coração, com todo o seu ser, de Filha de Deus Pai, de Mãe de Deus Filho, de Esposa de Deus Espírito. E o amor quanto mais universal mais divino, por isso, o amor da Senhora, mesmo sendo humana, se assemelhava ao de Deus. Porque foi universal, amou a todos, amou e ama a humanidade inteira. Nela nunca houve falta de amor, de caridade, de paciência, de dedicação, como nunca houve sentimentos ou ações de egoísmo, crítica, agressividade, menos ainda de falta de perdão, de rancor ou de ódio. Maria Santíssima foi e é a Senhora da caridade vivida, qual flor que nunca murcha.

Exemplos vivos

Amar foi dizer sim a Deus e afirmar “eis a escrava, faça-se”, e a Encarnação fez-Se. Amar foi

ir apressadamente para a montanha para servir e acompanhar Isabel, sua parente, até ao nascimento de João Baptista. Amar foi viver a vida quotidiana oculta, no serviço da família, no amor e partilha com os mais pobres, no ouvir quem precisava, no visitar um doente ou idoso, no partilhar a refeição com quem precisava, no ajudar e servir José e Jesus, no consolar, no estar presente sempre que era necessário. Amar foi a sua discreta, mas atenta, atitude nas bodas de Caná, alcançando do Filho o primeiro milagre que alegrou os noivos e os convidados e fez crescer a fé dos apóstolos. Amar foi a heroicidade de ficar só e deixar Jesus partir para a vida pública. Amar foi acompanhar Jesus na paixão e estar com Ele, junto à Cruz, a sofrer com Ele e a oferecê-Lo por nós, em “sim” heroico de amor junto à Cruz. Amar foi aceitar ser nossa Mãe e acolher São João

como filho. Amar foi consolar os apóstolos e discípulos depois da morte e sepultura de Jesus. Amar foi partilhar a alegria da Ressurreição e alegrar-se com os seus “novos filhos”. Amar foi rezar com a Comunidade e aguardar a vinda do Espírito Santo. Amar é o que faz agora, do céu, rezando por nós, acolhendo as nossas súplicas, velando pela Igreja. Tantas formas de amar que temos de imitar, para sermos filhos parecidos com a Mãe, a Senhora da caridade vivida!

Modelo de caridade

Maria, como Mãe, é o nosso modelo em tudo. Como filhas e filhas temos de ser parecidos com a Mãe. E na capacidade de amor, na abertura ao amor de Deus e do próximo, Maria é estímulo para todos nós. A Mãe ensina-nos, no Evangelho, muitos modos maravilhosos de amar

e de servir, muitas maneiras de sermos testemunhos do amor de Deus. Aprendamos com a Mãe a amar e a servir, a dar-nos e a dar, do que somos e temos, como Maria de Nazaré. O mundo, a Igreja, as famílias, as paróquias necessitam de amor. Com Maria, aprendamos a arte de amar, de testemunhar que Deus é Amor, aprendamos a ir ao encontro do pobre, do doente, do marginal, dos que vivem nos desertos sem Deus, sem pão, sem amor. Partamos, com Maria da Visitação, pelos caminhos do mundo, para servir e amar, para semear paz e alegria, para consolar, para escutar, para ajudar. Convidemos outros a partilharem connosco esta maravilhosa aventura de fazer o bem, de servir, de consolar, de repartir. E amar deve ser também ajudar e ensinar a rezar, ajudar a viver a fé e os sacramentos. Amar é ajudar a ler e a saborear a Palavra que salva e converte.

Francisco e Jacinta Marto: uma história de santidade



Madalena Antunes | Secretariado de Viseu do MMF

Francisco Marto nasceu a 11 de junho de 1908 e foi batizado no dia 20 de junho. Jacinta, sua irmã mais nova, nasceu a 5 de março de 1910 e foi batizada no dia 19 desse mês. Ambos nasceram em Aljustrel e foram batizados na paróquia de Fátima. Eram os mais novos dos sete filhos de Manuel Pedro Marto e de Olímpia de Jesus, e primos de Lúcia de Jesus (1907-2005).

Em 4 de abril de 1919, pelas 22h00, faleceu o Francisco, com apenas 10 anos. Adoecera, em outubro de 1918, com a epidemia broncopneumónica, tal como a sua irmã Jacinta, que adoece no final do ano de 1918, vindo a falecer, em Lisboa, no dia 20 de fevereiro de 1920.

Durante os seis encontros, de maio a outubro de 1917, na Cova da Iria, a Senhora do Rosário dá a conhecer aos Pastorinhos a esperança que Deus oferece ao mundo tocado pelo sofrimento

e pelo mal e convida-os a comprometerem-se com a conversão dos corações humanos, pela oração do rosário, pelo sacrifício reparador e pela consagração dos seus corações e do mundo ao Coração Imaculado de Maria.

As vidas do Francisco e da Jacinta transformaram-se definitivamente à luz da Mensagem de Misericórdia: o Francisco assume uma vida de contemplação, comprometido com a consolação de Deus que lhe parece estar “tão triste”. A Senhora recomendara que ele rezasse muitos terços. E muito rezará o Francisco, procurando a solidão do monte ou a companhia do Jesus escondido no sacrário da igreja paroquial para “pensar em Deus”.

A Jacinta deixa-se impressionar pelo sofrimento dos pecadores e reza e sacrifica-se pela sua conversão, pela paz no mundo, e pelo Santo Padre: “Sofro muito, mas ofereço tudo pela conver-

são dos pecadores e para reparar o Coração Imaculado de Maria, e também pelo Santo Padre”.

Ambos foram canonizados pelo Papa Francisco, a 13 de maio de 2017, no centenário das aparições da “Senhora do Rosário”. Assim, foi dado o passo que faltava para que os dois irmãos fossem considerados santos e a partir desse dia o culto aos dois Pastorinhos passasse a ser considerado universal, segundo a Igreja Católica, no dia 20 de fevereiro de cada ano.

Segundo as palavras da Irmã Ângela Coelho, “há uma clara consciência que está a emergir, sobretudo depois da canonização, de que o exemplo de santidade destas duas crianças não serve só os mais pequenos, mas atravessa todas as etapas da vida espiritual de cada um de nós. As pessoas são tocadas pelo seu exemplo e, sobretudo, pela forma como se entregaram a Deus”.

Encontro permanente

Cátia Inês

O mensageiro da Mensagem de Fátima é o continuador da missão que Nossa Senhora confiou aos Pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta. Eles falaram pouco, mas testemunharam muito. A sua oração e a sua cruz, aceites e oferecidas pela conversão dos pecados que se cometiam, fizeram das suas vidas candeias acesas, que ainda hoje brilham no mundo indiferente a Deus: o Pastorinho Francisco como consolador de Jesus presente na Eucaristia, a Jacinta numa vida imolada na cruz da doença pela conversão dos afastados de Deus e a Lúcia, a apostola da devoção do Imacu-

lado Coração de Maria. Os três foram fiéis mensageiros da mensagem de Fátima até ao fim das suas vidas.

Esclarecemos que o Movimento da Mensagem de Fátima oferece aos mensageiros o jornal Voz da Fátima com 12 páginas. A quota de 4,00 € que o mensageiro dá por ano é para ajudar nas despesas do apostolado da mensagem. Oferece, ainda, 930 missas pelos mensageiros vivos e falecidos. Uma destas missas é celebrada diariamente no Santuário de Fátima. Estas missas são uma graça muito grande pelos mensageiros vivos e por aqueles a quem o Se-

nhor já levou para junto d’Ele.

É pena que de vez em quando cheguem ao Secretariado Nacional da Mensagem de Fátima nomes de pessoas que desistiram. Segundo os Estatutos e Regulamento do Movimento Mensagem de Fátima, o mensageiro que desiste perde estes direitos.

Os mensageiros são uma família. Família que reza unida permanece unida. Procuremos ser mensageiros como os Pastorinhos até ao fim, para que um dia tenhamos a graça de nos encontrarmos com eles e com milhares de mensageiros junto de Nossa Senhora no Céu.

A Santinha

Manuel Arouca | Responsável pelo setor da comunicação social do MMF



Por várias fontes, a começar pela grande Mensageira Irmã Lúcia, a Jacinta são atribuídos milagres em vida. Havia quem lhe chamasse carinhosamente, a Santinha. Ela viveu uma pandemia paralela à nossa, da qual morreu, e está no Céu como Nossa Senhora prometeu. Peçamos a sua intercessão por estes momentos tão difíceis, pelos quais Portugal e a Humanidade estão a passar.

Recio uma das tais graças que lhe é atribuída:

Jacinta tem saudades das aparições de Nossa Senhora. Daquela luz, daquele sabor do céu. Reza cada vez mais e vai sentindo um ardor no coração. Está de joelhos na sombra da cama, rezando o terço e olhando o cruxifixo quando a sua mãe entra e interrompe a oração: – “Escuta filha, está ali na sala da entrada a ti Ifigénia”. – “A ti Ifigénia?” – “Quer muito falar contigo”. – “Comigo?” – “E traz uma mão cheia de tremoços”. – “Quem gosta de tremoços é a Lúcia”. – “Mas ela trá-los para ti”.

Jacinta vai erguendo-se e olhando a mãe que está a par do que aconteceu, por isso, persiste em que Jacinta vá ter com a velha mulher.

Semanas antes após uma brutal chuvada, Jacinta ainda molhada, acompanhada de Lúcia e Francisco, dirigia-se para casa, apressada, fugindo a quem os pudesse abordar. Uma mulher já de idade avançada dirigiu-se a ela. Lúcia exclamou: – “É a ti Ifigénia, o que é que ela faz por aqui?”. Para espanto dos três, ajoelhou-se diante de Jacinta. Esta ficou acabrunhada, sem saber como reagir. Num fio de voz disse: – “O chão está molhado”. – “O que me importa meu amor?! Vou morrer, sofro muito com a minha doença”. Lúcia, através da sua mãe, estava a par da doença da ti Ifigénia, a pobre viúva, que tinha um neto na guerra, padecia de uma doença muito grave. – “Ela quer a tua ajuda, Jacinta”, disse Lúcia. – “A minha?” – “Não deixes a pobre mulher aí de joelhos”, observou Francisco. Jacinta pegou-lhe nas mãos rugosas para a levantar. Mas não tinha forças. Reparou nos olhos sem brilho e de súplica da velha mulher. Fez mais uma tentativa para a erguer, mas não conseguiu. Olhou para o irmão e para a prima num pedido de ajuda. Mas estes ficaram quietos. Jacinta, perante a inação de Lúcia e de Francisco, que estavam como estátuas de sal, ajoelhou-se diante da ti Ifigénia. Colou as mãos em posição de oração, a velha mulher imitou-a. Jacinta começou a rezar uma Ave-Maria, ti Ifigénia acompanhou-a. Rezaram três Aves-Marias. Lúcia e Francisco murmuravam as preces e produziam o efeito do eco. Findas as Ave-Marias, Jacinta voltou a pegar nas mãos da idosa e disse-lhe num tom profético: – “Nossa Senhora vai curá-la”.

Agora, na sala de espera, a ti Ifigénia tem a fécies rosada e um sorriso na boca fina: – “Meu amor, não sei como te agradecer”. Uma lágrima corre pelo rosto enrugado da mulher. – “Nossa Senhora curou-me, não padeço mais daquela maldita doença”.

Jacinta deixa escapar um sorriso. A ti Olímpia esfrega as mãos porque todo o seu corpo estremeceu de emoção e orgulho. – “A minha filha não se cansa de rezar todos os dias por quem lhe pede”. E é a realidade todos os dias, nos seus terços rezara pela ti Ifigénia. – “A sua filha é uma santa, ela disse-me que Nossa Senhora me ia curar”. Ti Olímpia olha a filha embevecida. Tia Ifigénia diz: – “Não sei como te agradecer, minha santinha, trouxe-te estes tremoços”. – “Obrigada, não precisava de se incomodar”. – “É muito pouco para o que tu fizeste”. Ti Ifigénia abraça a cachopa, fazendo desaparecer o rosto de Jacinta na lã preta do seu xaile. Quem depois se delicia com os tremoços é Lúcia. O único sacrifício que ela não faz é recusar os dourados tremoços.

Santuário colabora no tratamento de doentes com COVID-19

Estrutura de Apoio de Retaguarda (EAR) começou a acolher doentes a 14 de dezembro de 2020 no Centro Francisco e Jacinta Marto.

Cátia Filipe

O Centro Francisco e Jacinta Marto, dos Silenciosos Operários da Cruz, em Fátima, acolhe desde dezembro de 2020 uma Estrutura de Apoio de Retaguarda (EAR), para tratamento de doentes com COVID-19, na qual o Santuário de Fátima colabora através da presença voluntária da responsável pelo Posto de Socorros da Instituição, a médica Ana Luísa Castro.

A religiosa da Aliança de Santa Maria é médica de formação, na especialidade de Medicina Geral e Familiar, e, em declarações à Voz da Fátima, adianta que os doentes ali tratados “estão numa situação estável”. Estas pessoas são maioritariamente provenientes de lares, mas há também doentes que vêm dos seus domicílios e de hospitais. A Irmã Ana Luísa colabora “como médica voluntária, indicada pelo Santuário, durante três manhãs na semana”, com o intuito de “complementar o trabalho, porque há um grande volume de trabalho”. “Vou também, enquanto religiosa, procurando não descuidar essa dimensão espiritual e pes-

soal de cada pessoa, e gosto de visitar cada um, de lhes dizer que estão em Fátima, que estão perto de Nossa Senhora e, de alguma forma, dar ânimo”, conta a religiosa da Aliança de Santa Maria.

Desde o início da pandemia que o Santuário de Fátima se prontificou para ajudar, disponibilizando equipamento de apoio – camas e espaços – à equipa de Proteção Civil Municipal e cedendo o espaço para a realização de testes rápidos orientados pela Cruz Vermelha Portuguesa. Neste caso concreto, o Santuário disponibilizou dispositivos médicos de enfermagem, entre outros, suportes para soros e outros tratamentos venosos, ao Centro Francisco e Jacinta Marto, onde habitualmente decorre uma iniciativa da pastoral da fragilidade promovida pelo Santuário de Fátima – Vem para o Meio- Férias para Pais de Crianças Portadoras de Deficiência.

A Irmã Cila Santos, religiosa dos Silenciosos Operários da Cruz e Superiora Provincial desta mesma congregação, revela: “fi-

camos muito contentes, porque íamos acompanhando as notícias muito preocupantes acerca do que estava a acontecer em Portugal, com hospitais a passar muitas dificuldades. E, ao vermos as pessoas a chegarem a nossa casa, foi um alívio, porque sabíamos que cada utente que chegava era mais uma pessoa que podia ser tratada no hospital”.

Esta Estrutura de Apoio de Retaguarda tem capacidade para acolher cerca de 60 doentes. No perímetro traseiro do Centro Francisco e Jacinta Marto existem alguns espaços verdes e algumas laranjeiras: “um momento bonito é a nossa comunidade ir até lá apanhar algumas laranjas, deixá-las nas janelas e os doentes com alegria podem ver alguém, mesmo que de longe, que lhes acena e que lhes levou algo”.

“A Igreja faz-se presente. É o caso do Santuário que se disponibilizou para ajudar neste projeto naquilo que fosse necessário e há esta disponibilidade de acolher e de ajudar”, concluiu a religiosa.

“Cada doente é uma história singular”

Na missa do Dia Mundial do Doente, o cardeal D. António Marto consagrou doentes e profissionais de saúde a Nossa Senhora de Fátima.

Cátia Filipe

O Dia Mundial do Doente foi celebrado em Fátima, com uma missa na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, presidida pelo cardeal D. António Marto, que consagrou a Nossa Senhora de Fátima todos os doentes e os profissionais que, no terreno, lutam diariamente contra a doença, “uma das experiências mais duras do ser humano”.

Esta pandemia “constitui um choque, um abalo, que nos faz sentir mais agudamente a fragilidade da vida. Verificamos como a doença abre em todos muitas feridas e acarreta muitos sofrimentos: feridas do medo da doença, da dor, do isolamento, da solidão, do receio de perder o emprego, da angústia da morte”, disse D. António Marto na homilia da missa a que presidiu por ocasião do Dia do Doente.

A Eucaristia, promovida pela Conferência Episcopal Portuguesa decorreu na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e teve transmissão on-line.

O bispo de Leiria-Fátima re-

cordou as mortes “na maior solidão” e o luto “suspenso e amargo”, nesta pandemia, com “histórias de doenças, de sofrimento, de luto, de desânimo e desalento, de verdadeira cruz”.

D. António Marto desafiou as comunidades católicas a acompanharem os doentes, para que “ninguém se sinta só nem abandonado”.

Nesta conjuntura atual, “o mundo do sofrimento clama pelo mundo do amor e é o amor que nos dá olhos para vermos, um coração para sermos sensíveis, inteligência para sermos criativos de cuidados e terapias e mãos para levarmos ajuda”.

“Investir recursos nos cuidados e na assistência às pessoas doentes é uma prioridade ligada ao princípio de que a saúde é um bem comum primário”, recordou o cardeal ao desafiar a Igreja a fazer deste cuidado a sua missão.

A celebração terminou com a consagração a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Transparência

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

OPINIÃO

Mínima, modesta, de aparência pobre e banal, sem nada que, à partida, suscite especial interesse estético. Contudo, é para o seu seio que rumam os peregrinos, como quem se coloca no colo de uma mãe; abrigam-se no coração de Maria, no qual encontram refúgio e caminho para Deus. A pequena capela é metáfora dessa mãe, jovem filha de Sião aparecida na Cova da Iria. No contexto de uma cultura da imagem, da visibilidade e do espetáculo, a capela é um provocador paradoxo, como é paradoxo a própria vida de Maria: Como é que algo ou alguém social e esteticamente irrelevante como um grão de mostarda, que viveu na invisibilidade do quotidiano de Nazaré, sem fama nem notoriedade, ou num descampado fora do mapa, se torna tão presente, tão lembrado, tão grande e tão amado?

A capela diz-nos.

Sobre uma peanha, no lugar onde outrora crescia a pequena carrasqueira, está a imagem da Senhora de Fátima. Singela e branca, Maria está de pé. A sua

postura vertical nada tem que ver com domínio ou orgulho. Na peanha, Maria está de pé como esteve - e porque esteve - junto à cruz, no momento de sofrimento desventrante, acolhendo os desígnios misericordiosos e paradoxais de Deus, numa profunda confiança de que de Deus não pode vir senão o Bem. Maria está de pé como está o amor que é puro e amadurecido, continuamente levantado para acolher quem chega e que não deserta quem sofre. É a graça de Deus que sustenta Maria de pé.

Ao contemplar a Capelinha, vemos refletida, sobre a transparência do vidro envolvente, a grande azinheira que se encontra ao lado. A nossos olhos, a sobreposição do reflexo faz-nos ver a grande copa com muitos e grossos ramos de folhagem perene sobre a figura singela de Maria e sobre a modesta Capelinha. No pequeno espaço onde rezam os fiéis, vemos a grande torre da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a colunata e boa parte do recinto. Todo o Santuário está dentro da Capeli-

nha e a Capelinha revela-se um ventre, em cuja intimidade está contido todo o Santuário. É a luz e a qualidade das superfícies que envolvem a capela, transparentes e polidas, que transfiguram a realidade a nossos olhos e nos revelam o mistério.

Dom e tarefa, transparência e polidez foi, certamente, o que em Maria permitiu a ação livre de Deus nela, tornando-a - invisível grão de mostarda - em árvore frondosa, onde as aves do céu na sua fatigante migração, encontram sombra, abrigo e repouso. O que é a obediência! Foi a obediência de Maria, alimentada pela confiança, que a fez transparente, translúcida, abertura sem obstáculo por onde a luz e a verdade que Deus é entram e saem quando e como querem. Tão completamente esvaziada de si, sem pretensão de posse para consumo próprio, Maria é polida, isto é, simples (sine plica), sem dobras que retenham partículas e sombras, superfície que reflete para nós a luz de Deus, conduzindo-nos para a Trindade.



O Anjo de Portugal, embaixador da Rainha do Céu

«“Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo”. E ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras: “Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos”» (Memórias da Irmã Lúcia I)

Carmo Rodeia



Loça do Cabeço, no lugar de Valinhos: o espaço onde os Pastorinhos experimentaram, por duas vezes, a visão do Anjo da Paz.

As aparições do Anjo, ocorridas em 1916, são comumente consideradas como o pórtico que franqueia a entrada no acontecimento e na mensagem de Fátima, propondo as suas mais importantes dimensões.

Nelas, o Anjo de Portugal, como se identificou na segunda aparição, pediu aos Três Pastorinhos orações e sacrifícios.

Não se conhecem as datas exatas desta anunciação, aliás elas permaneceram praticamente desconhecidas até 1935, data da *Primeira Memória* da Irmã Lúcia, mas sabe-se, a partir daí, que terão acontecido por três vezes, tendo a primeira ocorrido por altura da Primavera.

E, ao anunciar-se três vezes aos videntes, o Anjo convoca-os para dois aspetos centrais da mensagem de Fátima – a adoração e a reparação – que se veem espelhados na oração que o Anjo ensina às três crianças: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam”.

Em jeito de prólogo, de algo que se iria passar um ano depois, estas aparições oferecem-nos um itinerário de um cami-

nho maior. E, como prólogo que foram, anunciaram uma visita do Céu, prepararam um encontro e anteciparam uma revelação.

Na primeira aparição, vemos a dimensão teocêntrica, porque o Anjo conduziu os três Pastorinhos a um profundo ato de adoração e de súplica reparadora através da oração. Já na segunda, vemos mais a dimensão cristológica da reparação, pois, o Anjo refere-se a Jesus Cristo, dando a entender que Maria está associada à Sua obra de redenção: “Que fazeis? Orai! Orai muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia”, como conta Lúcia nas suas Memórias. Nesta aparição é suscitado o espírito sacrificial através do sacrifício quotidiano, dos pequenos gestos.

Na terceira e última aparição do Anjo vemos, claramente, as dimensões trinitária e cristológica (eucarística) da mensagem de Fátima, como convite à adoração ao Deus uno e trino. O Anjo revela às três crianças o Santíssimo Sacramento sob as espécies eucarísticas do pão e do vinho e condu-las a um profundo ato de adoração à Santíssima Trindade, através desta oração: “Santíssi-

ma Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores”.

Esta experiência mística imprimiu em Lúcia, Francisco e Jacinta, cada um de sua forma, um profundo amor pelo Sacramento da Eucaristia; especialmente em Francisco, que recebeu o dom da contemplação de maneira mais intensa, passando a ser uma alma amante de Jesus no Sacrário, adorando a Jesus “escondido”, para O consolar.

Como refere Stefano De Fiores, na Enciclopédia de Fátima, “nesta mensagem a reparação é tirada do âmbito individual para ser inserida num contexto litúrgico, em que a comunhão sob as duas espécies é distribuída pelo anjo e a reparação assume uma clara orientação eucarística”.

A presença de Deus através do Anjo foi, por isso, pode dizer-se,

fortemente sentida pelas crianças, suscitando nelas uma resposta generosa e empenhada, na percepção da importância da oração ou do sacrifício, não só para a sua salvação, mas para a salvação do outro.

Na Encíclica *Mystici Corporis*, Pio XII aponta para a mesma direção: “tremendo mistério, e nunca assaz meditado: a salvação de muitos depende das orações e dos sacrifícios voluntários, feitos com esta intenção, pelos membros do corpo místico de Jesus Cristo, em colaboração, que pastores e fiéis, sobretudo os pais e mães de família, devem prestar ao divino Salvador”.

João Paulo II, a 12 de maio de 1982, no discurso à sua chegada a Fátima afirmava “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos! Vai para a Trindade Santíssima este meu primeiro pensamento adorador, explicitado nesta terra abençoada de Fátima: bendito seja Deus, rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou [...]. Venho em peregrinação a Fátima como a maioria de vós, amados peregrinos, com o terço na mão, o nome de Maria nos lábios e o cântico da misericórdia de Deus no coração”.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



No Paquistão, os cristãos representam 1,6% de uma população de 216 milhões. E não é fácil a vida desta minoria naquele país da Ásia, nomeadamente por causa da lei de blasfémia. Todos lembramos ainda Asia Bibi, cuja história correu mundo e, também por isso, teve um desfecho feliz. Neste momento, há 24 cristãos presos no país acusados deste crime.

Um caso está a dar que falar agora. São marido e mulher no corredor da morte, mas encarcerados em prisões diferentes. Shafqat Emmanuel e Shagufta Kausar, presos desde 2013 e condenados em 2014, são notícia porque uma audiência no Tribunal Superior de Lahore para responder ao seu recurso, que deveria ter ocorrido em fins de fevereiro, foi cancelada.

O advogado do casal, que já defendeu Asia Bibi, afirma não haver provas contra Shafqat e Shagufta mas teme pelas suas vidas, dado o clima de medo que envolve este tipo de julgamentos, por causa da agitação que provocam nos meios mais radicalizados da população muçulmana do país. O advogado refere a necessidade de “que haja pressão política ou internacional” para que o caso avance. A Amnistia Internacional considera a história emblemática porque as suas leis de blasfémia consentem todo o tipo de abusos, como o de Imran Masih, outro cristão que, ao fim de mais de dez anos de prisão, foi finalmente absolvido em dezembro de 2020.

Cristãos que sofrem por o serem. São tantos, cada vez mais, um pouco por todo o mundo. Neste espaço da Voz da Fátima, lembramo-los aos corações dos leitores e propomo-los ao compromisso possível, pelo menos a oração. Haverá mais modos de ser solidário com quem é perseguido apenas porque partilha a nossa fé?

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Virgem Peregrina de Fátima, embaixadora da Paz vai estar no Cáucaso no último trimestre deste ano

A Imagem n.º 2 visitará as paróquias da Arménia, Azerbaijão e Geórgia.

Carmo Rodeia

A Imagem n.º 2 da Virgem Peregrina de Fátima vai deslocar-se ao Cáucaso em setembro e outubro a pedido do nuncio apostólico na Arménia e na Geórgia, D. José Bettencourt, que já manifestou a sua alegria por esta viagem inédita.

Segundo o representante diplomático do Papa, esta será a primeira vez que a Imagem visita estes territórios da ex-União Soviética, passando ainda pelo Azerbaijão. “Os católicos do Cáucaso alegram-se pela notícia da visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima à região”, refere o arcebispo, nascido nos Açores, em depoimento enviado à *Voz da Fátima*.

A Imagem, que vai passar pelas paróquias e comunidades católicas dos três países, tem uma intenção específica “de reconciliação e de paz”, numa zona onde permanecem congelados vários conflitos, alguns reacesos no decurso do ano passado e que ameaçam a estabilidade e a segurança de toda a região.

“Rezemos pela paz de mente e de espírito com Deus e com o próximo durante este tempo de bênção”, referiu ainda D. José Bettencourt.

Para José Milhazes, jornalista e autor do livro *A mensagem de Fátima na União Soviética-Rússia*, a presença de Fátima no Cáucaso “é particularmente importante numa região do Continente Europeu fustigada, há muitos anos, por guerras e graves crises políticas, pois a mensagem emanada da Cova da Iria é de paz entre os homens”.

“Um contributo para tornar os corações mais pacíficos”

“Certamente que a Imagem da Virgem Maria será recebida por corações e braços abertos na Arménia, primeiro país a proclamar o Cristianismo como sua religião no longínquo ano de 301. A Arménia está envolvida numa guerra com o vizinho Azerbaijão desde 1989 e estes dois países precisam de paz, de uma reconciliação que tarda em chegar”, destaca o jornalista que foi correspondente da SIC na Rússia.

O jornalista salienta, por outro lado, “a longa e profunda crise interna” que assola a Geórgia: “A presença de Fátima na Geórgia contribuirá para tornar os corações mais pacíficos, mais abertos ao diálogo. Irá certamente recordar-lhes o contributo dos missionários portugueses para o resgate dos restos mortais da mártir georgiana Santa Ketevan, cujo suplício está representado em azulejos nas paredes do Convento da Graça, em Lisboa”. E conclui: “Em boa hora a Imagem de Fátima passará pelo Cáucaso, reforçando a sua mensagem de paz e amor”, refere.



Reforço do diálogo inter-religioso

Também a jornalista Aura Miguel, uma das vencedoras do Prémio de Jornalismo no Centenário das Aparições, com uma reportagem multimédia intitulada “Fátima na Bielorrússia, uma chama que a URSS não apagou”, desenvolvido em parceria com Joana Bourgard, lembra que a presença da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima na região do Cáucaso pode ajudar a “consolidar a paz e a unidade” entre os cristãos e a “reforçar o diálogo com o Islão”, nesta zona estratégica entre a Europa e a Ásia.

“Os apelos à paz e conversão que brotam de Fátima assumem especial atualidade nesta região, ainda instável, e com feridas abertas causadas pelo mais recente conflito fronteiriço sobre Nagorno-Karabakh, que opõe a Arménia cristã ao Azerbaijão muçulmano. E o mesmo se diz da Geórgia, maioritariamente ortodoxa, a braços com revoltas independentistas nas regiões de Ossétia do Sul e Abkhazia”, refere a jornalista vaticanista da Rádio Renascença.

“Quando a 13 de julho de 1917, a Virgem revela o segredo às três crianças e profetiza os horrores da guerra, do pecado e tantos sofrimentos da humanidade, Ela também aponta uma saída de esperança para salvar o mundo”, destaca ao lembrar que há um caminho de paz que pode ser percorrido: “Trata-se de um caminho de conversão e de paz, que se consolida na livre adesão aos pedidos da Senhora de Fátima. A começar no coração de cada um, mas com potencial para mudar o rumo da História, incluindo a destas três repúblicas da ex-URSS”, afirma.

“De Fátima, nasce continuamente um convite a construir a paz, no coração de cada um e à nossa volta. Por isso, esta Mensagem é mais um incentivo aos que vivem sinceramente este desejo de paz e de verdade, independentemente do seu contexto, cultura e religião”, diz.

O próprio Papa, nas diversas viagens que realiza pelo mundo, não escolhe só países cristãos. “Eu



A Imagem de Nossa Senhora de Fátima vai estar na Arménia, Azerbaijão e Geórgia.

própria o testemunhei, ao acompanhar São João Paulo II e, mais recentemente, Francisco a estes três países do Cáucaso”, refere para concluir que “a presença da Imagem Peregrina de Fátima será uma ocasião privilegiada para

reforçar este anseio de paz e de diálogo, e “sem qualquer distinção de caráter étnico, linguístico, político ou religioso”, como diz o Papa Francisco”, destacando que é também este o espírito da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.

AGENDA

março

16 sex	S. JOSÉ, ESPOSO DA VIRGEM SANTA MARIA Solenidade
20 sáb	MISSA VOTIVA DOS SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO
21 dom	EVOCÇÃO DAS APARIÇÕES DO ANJO
25 qui	ANUNCIAÇÃO DO SENHOR Solenidade
28 dom	DOMINGO DE RAMOS DA PAIXÃO DO SENHOR ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DA IRMÃ LÚCIA Dia Mundial da Juventude

abril

1 qui	QUINTA-FEIRA DA SEMANA SANTA
2 sex	SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO DO SENHOR
3 sáb	SÁBADO SANTO PRIMEIRO SÁBADO
4 dom	DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DE S. FRANCISCO MARTO Início do Programa de Verão